



PM-ES

POLÍCIA MILITAR DO ESPÍRITO SANTO

SOLDADO COMBATENTE

- ▶ Língua Portuguesa
- ▶ Raciocínio Lógico e Matemático
- ▶ Geografia Geral, Brasil e do Espírito Santo
- ▶ História do Brasil e do Espírito Santo

INCLUI QUESTÕES GABARITADAS

**EDITAL DE ABERTURA Nº 001
CFSD/2026, 27 DE MAIO DE 2026.**



BÔNUS

ÁREA DO
CONCURSEIRO

- **Português:** Ortografia, Fonologia, Acentuação Gráfica, Concordância, Regência, Crase e Pontuação.
- **Informática:** Computação na Nuvem, Armazenamento em Nuvem, Intranet, Internet, Conceitos, Protocolos e Segurança da informação.

40
ANOS
A SOLUÇÃO PARA O SEU CONCURSO



AVISO IMPORTANTE:

Este é um Material de Demonstração

Este arquivo é apenas uma amostra do conteúdo completo da Apostila.

Aqui você encontrará algumas páginas selecionadas para que possa conhecer a qualidade, estrutura e metodologia do nosso material. No entanto, **esta não é a apostila completa.**

POR QUE INVESTIR NA APOSTILA COMPLETA?

- × Conteúdo totalmente alinhado ao edital
- × Teoria clara, objetiva e sempre atualizada
- × Questões gabaritadas
- × Diferentes práticas que otimizam seus estudos

Ter o material certo em mãos transforma sua preparação e aproxima você da **APROVAÇÃO.**

Garanta agora o acesso completo e aumente suas chances de aprovação:
<https://www.editorasolucao.com.br/>



PM - ES

POLÍCIA MILITAR DO ESPÍRITO SANTO

Soldado Combatente

**EDITAL DE ABERTURA Nº 001 - CFSD/2026, 27 DE
MAIO DE 2026.**

CÓD: SL-196MA-26
7908433299615

Língua Portuguesa

1. Compreensão, interpretação e inferências de textos	9
2. Tipologia e Gêneros textuais.....	12
3. Variação Linguística.....	18
4. O processo de comunicação e as funções da linguagem	18
5. Relações semântico lexicais, como metáfora, metonímia, antonímia, sinonímia, hiperonímia, hiponímia, reiteração, comparação, redundância e outras	21
6. Norma ortográfica.....	24
7. Morfossintaxe das classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, pronome, advérbio, preposição, conjunção, interjeição, numeral e os seus respectivos empregos; Verbo	25
8. Concordância verbal e nominal	32
9. Regência nominal e verbal.....	36
10. Coesão e Coerência textuais	40
11. Sintaxe: relações sintático-semânticas estabelecidas entre orações, períodos ou parágrafos (período simples e período composto por coordenação e subordinação)	41
12. Pontuação	43
13. Funções do “que” e do “se”	45
14. Fonética e Fonologia: som e fonema, encontros vocálicos e consonantais e dígrafos	47
15. Formação de palavras	48
16. Uso da crase.....	53

Raciocínio Lógico e Matemático

1. Raciocínio Lógico: Proposições Lógicas: Compreensão de proposições simples e compostas, identificação de conectivos lógicos (e, ou, não), e análise de sua veracidade. Tabelas Verdade: Construção de tabelas verdade para determinar a veracidade de proposições compostas, utilizando os diferentes conectivos lógicos.....	69
2. Argumentação Lógica: Identificação de argumentos válidos e inválidos, e reconhecimento de falácias lógicas em raciocínios.....	75
3. Sequências Lógicas: Resolução de problemas envolvendo padrões numéricos, alfabéticos ou de figuras, identificando a lógica subjacente	79
4. Diagramas Lógicos: Utilização de diagramas de Venn para representar relações entre conjuntos e resolver problemas de inclusão e exclusão	81
5. Raciocínio Dedutivo e Indutivo: Prática na resolução de problemas baseados em raciocínio dedutivo (partindo de uma regra geral para uma conclusão específica) e raciocínio indutivo (generalizando a partir de casos específicos).....	84
6. Matemática: Aritmética: Operações básicas (adição, subtração, multiplicação, divisão), propriedades dos números, frações, decimais	87
7. Razões e proporções.....	100
8. Álgebra: Resolução de equações e inequações	102
9. Simplificação de expressões algébricas, fatoração, identidades algébricas.....	106
10. Sistemas de equações lineares	109
11. Geometria: Conceitos geométricos básicos (pontos, retas, planos), medidas de ângulos, perímetros e áreas de figuras planas.....	111
12. Volumes de sólidos geométricos	117
13. Trigonometria: Aplicações de seno, cosseno e tangente, identidades trigonométricas, resolução de triângulos e problemas envolvendo medidas de ângulos.....	122

ÍNDICE

1. Probabilidade e Estatística: Conceitos de probabilidade, eventos, cálculo de médias, medianas, moda, desvio padrão, interpretação de gráficos e tabelas.....	126
2. Matemática Financeira: porcentagens. Cálculos de juros simples e compostos, descontos, taxas de porcentagem.....	136
3. Amortizações, séries uniformes e planos de financiamento	141
4. Raciocínio Matemático: Resolução de problemas que requerem análise lógica, interpretação de enunciados e aplicação de conceitos matemáticos para encontrar soluções.....	151

Geografia Geral, Brasil e do Espírito Santo

1. Geral: A relação entre movimentos da Terra e a organização do espaço geográfico.....	159
2. As paisagens mundiais.....	159
3. A dinâmica da Litosfera.....	160
4. Continentes e oceanos.....	161
5. Relevo terrestre	163
6. Minerais e rochas.....	164
7. Solos: práticas de manejo e conservação	164
8. Brasil: Regiões brasileiras, marcas do Brasil em todos os cantos.....	166
9. Divisão Político-Administrativa do Brasil.....	182
10. Clima e Biomas Brasileiros	183
11. Relevo Brasileiro	186
12. Hidrografia do Brasil	187
13. Aspectos Econômicos e Sociais.....	188
14. Problemas Ambientais e Conservação.....	189
15. Questões Atuais e Geopolítica	190
16. Espírito Santo: Localização e Divisão Territorial: Estudo da localização do Espírito Santo no contexto do Brasil e sua divisão em regiões, municípios e microrregiões.....	191
17. Relevo e Geomorfologia: Compreensão das características do relevo capixaba, incluindo as serras, planaltos, planícies costeiras e sua influência na ocupação humana e na economia do estado	192
18. Clima e Vegetação: Análise do clima e dos tipos de vegetação presentes no Espírito Santo, como a Mata Atlântica, os manguezais e as restingas, destacando suas características e importância ambiental.....	193
19. Recursos Hídricos: Estudo dos principais rios, bacias hidrográficas, lagoas e represas do Espírito Santo, bem como questões relacionadas à gestão dos recursos hídricos e à preservação dos mananciais.....	194
20. Aspectos Econômicos e Sociais: Conhecimento sobre a economia capixaba, incluindo setores como agricultura, pecuária, indústria, comércio e serviços, bem como indicadores sociais, como população, educação, saúde e distribuição de renda.....	195
21. Infraestrutura e Transportes: Estudo da infraestrutura de transporte do Espírito Santo, incluindo portos, aeroportos, rodovias e ferrovias, e sua importância para o desenvolvimento econômico e a integração regional.....	195
22. Turismo e Patrimônio Cultural: Compreensão do potencial turístico do Espírito Santo, incluindo suas praias, patrimônio histórico, cultural e natural, bem como iniciativas de preservação e promoção do turismo sustentável	196
23. Questões Ambientais e Sustentabilidade: Análise dos principais problemas ambientais enfrentados pelo Espírito Santo, como desmatamento, poluição hídrica e do ar, erosão costeira, e políticas de conservação e desenvolvimento sustentável.....	197

História do Brasil e do Espírito Santo

1. Brasil: História do Brasil Colonial: Conhecimento sobre o período colonial brasileiro, desde a chegada dos portugueses em 1500 até a independência do Brasil em 1822, abordando questões como colonização, exploração econômica, sociedade colonial e resistências indígenas e escravas.....	201
2. História do Brasil Império: Estudo do período imperial brasileiro, abrangendo o Primeiro Reinado, o Período Regencial e o Segundo Reinado, incluindo questões políticas, econômicas, sociais e culturais.....	209
3. História do Brasil República: Análise dos principais momentos da história republicana brasileira, incluindo República Velha, Era Vargas, Ditadura Militar, redemocratização e os governos contemporâneos.....	214
4. História das Relações Internacionais: Compreensão dos principais eventos e processos das relações internacionais, como guerras, alianças, tratados e organizações internacionais ao longo da história.....	218
5. Movimentos Sociais e Culturais: Estudo dos movimentos sociais e culturais que marcaram a história mundial e brasileira, como movimentos operários, feministas, negros, indígenas, ambientalistas e culturais.....	221
6. História Econômica e Social: Conhecimento sobre a história econômica e social, incluindo processos de industrialização, urbanização, migrações, classes sociais, desigualdades, movimentos sociais e políticas públicas.....	225
7. Espírito Santo: Colonização e Povoamento: Estudo sobre os primeiros habitantes do território capixaba, incluindo os povos indígenas que habitavam a região antes da chegada dos colonizadores europeus.....	228
8. Abordagem sobre o processo de colonização portuguesa, as capitanias hereditárias e a fundação das primeiras vilas e cidades no Espírito Santo.....	229
9. Ciclo do Ouro e Ciclo do Café: Análise dos períodos de exploração do ouro e da produção de café no Espírito Santo, destacando os principais eventos, personagens e impactos econômicos, sociais e culturais desses ciclos na história do estado.....	230
10. Período Imperial e República Velha: Estudo sobre a participação do Espírito Santo nos movimentos políticos e sociais do período imperial e da República Velha, incluindo a abolição da escravidão, a proclamação da República, a política cafeeira e os conflitos políticos regionais.....	231
11. Era Vargas e Ditadura Militar: Compreensão dos principais acontecimentos políticos, econômicos e sociais durante os períodos do governo de Getúlio Vargas e da Ditadura Militar no Brasil, e como esses eventos afetaram o Espírito Santo.....	232
12. Desenvolvimento Econômico e Social: Estudo dos processos de industrialização, urbanização e modernização econômica do Espírito Santo ao longo do século XX, incluindo a diversificação da economia, a implantação de infraestrutura e a expansão do mercado consumidor.....	236
13. Movimentos Sociais e Culturais: Análise dos movimentos sociais e culturais que marcaram a história do Espírito Santo, como movimentos sociais de trabalhadores, movimentos ambientalistas, movimentos culturais e manifestações artísticas locais.....	237
14. Política e Governança: Conhecimento sobre a organização política e administrativa do Espírito Santo, incluindo a estrutura do governo estadual, as instituições políticas e as principais lideranças políticas do estado ao longo da história.....	238
15. Memória e Patrimônio: Estudo da preservação da memória histórica e do patrimônio cultural do Espírito Santo, incluindo o papel de museus, arquivos, monumentos e outras instituições na preservação e divulgação da história local.....	239

LÍNGUA PORTUGUESA

COMPREENSÃO, INTERPRETAÇÃO E INFERÊNCIAS DE TEXTOS

DIFERENÇA ENTRE COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

A compreensão e a interpretação de textos são habilidades interligadas, mas que apresentam diferenças claras e que devem ser reconhecidas para uma leitura eficaz, principalmente em contextos de provas e concursos públicos.

Compreensão refere-se à habilidade de entender o que o texto comunica de forma explícita. É a identificação do conteúdo que o autor apresenta de maneira direta, sem exigir do leitor um esforço de interpretação mais aprofundado. Ao compreender um texto, o leitor se concentra no significado das palavras, frases e parágrafos, buscando captar o sentido literal e objetivo daquilo que está sendo dito. Ou seja, a compreensão é o processo de absorver as informações que estão na superfície do texto, sem precisar buscar significados ocultos ou inferências.

► Exemplo de compreensão:

Se o texto afirma: “Jorge era infeliz quando fumava”, a compreensão dessa frase nos leva a concluir apenas o que está claramente dito: Jorge, em determinado período de sua vida em que fumava, era uma pessoa infeliz.

Por outro lado, a **interpretação** envolve a leitura das entrelinhas, a busca por sentidos implícitos e o esforço para compreender o que não está diretamente expresso no texto. Essa habilidade requer do leitor uma análise mais profunda, considerando fatores como contexto, intenções do autor, experiências pessoais e conhecimentos prévios. A interpretação é a construção de significados que vão além das palavras literais, e isso pode envolver deduzir informações não explícitas, perceber ironias, analogias ou entender o subtexto de uma mensagem.

► Exemplo de interpretação

Voltando à frase “Jorge era infeliz quando fumava”, a interpretação permite deduzir que Jorge provavelmente parou de fumar e, com isso, encontrou a felicidade. Essa conclusão não está diretamente expressa, mas é sugerida pelo contexto e pelas informações da frase.

Em resumo, a compreensão é o entendimento do que está no texto, enquanto a interpretação é a habilidade de extrair do texto o que ele não diz diretamente, mas sugere. Enquanto a compreensão requer uma leitura atenta e literal, a interpretação exige uma leitura crítica e analítica, na qual o leitor deve conectar ideias, fazer inferências e até questionar as intenções do autor.

Ter consciência dessas diferenças é fundamental para o sucesso em provas que avaliam a capacidade de lidar com textos, pois, muitas vezes, as questões irão exigir que o candidato saiba identificar informações explícitas e, em outras ocasiões, que ele demonstre a capacidade de interpretar significados mais profundos e complexos.

TIPOS DE LINGUAGEM

Para uma interpretação de textos eficaz, é fundamental entender os diferentes tipos de linguagem que podem ser empregados em um texto. Conhecer essas formas de expressão ajuda a identificar nuances e significados, o que torna a leitura e a interpretação mais precisas. Há três principais tipos de linguagem que costumam ser abordados nos estudos de Língua Portuguesa: a linguagem verbal, a linguagem não-verbal e a linguagem mista (ou híbrida).

► Linguagem Verbal

A linguagem verbal é aquela que utiliza as palavras como principal meio de comunicação. Pode ser apresentada de forma escrita ou oral, e é a mais comum nas interações humanas. É por meio da linguagem verbal que expressamos ideias, emoções, pensamentos e informações.

Ex.:

Um texto de livro, um artigo de jornal ou uma conversa entre duas pessoas são exemplos de linguagem verbal.

Quando um autor escreve um poema, um romance ou uma carta, ele está utilizando a linguagem verbal para transmitir sua mensagem.

Na interpretação de textos, a linguagem verbal é a que oferece o conteúdo explícito para compreensão e análise. Portanto, ao se deparar com um texto em uma prova, é a partir da linguagem verbal que se começa o processo de interpretação, analisando as palavras, as estruturas frasais e a coesão do discurso.

► Linguagem Não-Verbal

A linguagem não-verbal é aquela que se comunica sem o uso de palavras. Ela faz uso de elementos visuais, como imagens, cores, símbolos, gestos, expressões faciais e sinais, para transmitir mensagens e informações. Esse tipo de linguagem é extremamente importante em nosso cotidiano, já que muitas vezes as imagens ou os gestos conseguem expressar significados que palavras não conseguem capturar com a mesma eficiência.

Ex.:

Uma placa de trânsito que indica “pare” por meio de uma cor vermelha e um formato específico.

As expressões faciais e gestos durante uma conversa ou em um filme.

Uma pintura, um logotipo ou uma fotografia que transmitem sentimentos, ideias ou informações sem o uso de palavras.

No contexto de interpretação, a linguagem não-verbal exige do leitor uma capacidade de decodificar mensagens que não estão escritas. Por exemplo, em uma prova que apresenta uma charge ou uma propaganda, será necessário interpretar os elementos visuais para compreender a mensagem que o autor deseja transmitir.

► **Linguagem Mista (ou Híbrida)**

A linguagem mista é a combinação da linguagem verbal e da linguagem não-verbal, ou seja, utiliza tanto palavras quanto imagens para se comunicar. Esse tipo de linguagem é amplamente utilizado em nosso dia a dia, pois permite a transmissão de mensagens de forma mais completa, já que se vale das características de ambas as linguagens.

Ex.:

Histórias em quadrinhos, que utilizam desenhos (linguagem não-verbal) e balões de fala (linguagem verbal) para narrar a história.

Cartazes publicitários que unem imagens e slogans para atrair a atenção e transmitir uma mensagem ao público.

As apresentações de slides que combinam texto e imagens para tornar a explicação mais clara e interessante.

A linguagem mista exige do leitor uma capacidade de integrar informações provenientes de diferentes fontes para construir o sentido global da mensagem. Em uma prova, por exemplo, é comum encontrar questões que apresentam textos e imagens juntos, exigindo que o candidato compreenda a interação entre a linguagem verbal e não-verbal para interpretar corretamente o conteúdo.

INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade é um conceito fundamental para quem deseja compreender e interpretar textos de maneira aprofundada. Trata-se do diálogo que um texto estabelece com outros textos, ou seja, a intertextualidade ocorre quando um texto faz referência, de maneira explícita ou implícita, a outro texto já existente. Esse fenômeno é comum na literatura, na publicidade, no jornalismo e em diversos outros tipos de comunicação.

► **Definição de Intertextualidade**

Intertextualidade é o processo pelo qual um texto se relaciona com outro, estabelecendo uma rede de significados que enriquece a interpretação. Ao fazer referência a outro texto, o autor cria um elo que pode servir para reforçar ideias, criticar, ironizar ou até prestar uma homenagem. Essa relação entre textos pode ocorrer de várias formas e em diferentes graus de intensidade, dependendo de como o autor escolhe incorporar ou dialogar com o texto de origem.

O conceito de intertextualidade sugere que nenhum texto é completamente original, pois todos se alimentam de outros textos e discursos que já existem, criando um jogo de influências, inspirações e referências. Portanto, a compreensão de um texto muitas vezes se amplia quando reconhecemos as conexões intertextuais que ele estabelece.

► **Tipos de Intertextualidade**

A intertextualidade pode ocorrer de diferentes formas. Aqui estão os principais tipos que você deve conhecer:

▪ **Citação:** É a forma mais explícita de intertextualidade. Ocorre quando um autor incorpora, de forma literal, uma passagem de outro texto em sua obra, geralmente colocando a citação entre aspas ou destacando-a de alguma maneira.

Ex.: Em um artigo científico, ao citar um trecho de uma obra de um pesquisador renomado, o autor está utilizando a intertextualidade por meio da citação.

▪ **Paráfrase:** Trata-se da reescritura de um texto ou trecho de forma diferente, utilizando outras palavras, mas mantendo o mesmo conteúdo ou ideia central do original. A paráfrase respeita o sentido do texto base, mas o reinterpreta de forma nova.

Ex.: Um estudante que lê um poema de Carlos Drummond de Andrade e reescreve os versos com suas próprias palavras está fazendo uma paráfrase do texto original.

▪ **Paródia:** Nesse tipo de intertextualidade, o autor faz uso de um texto conhecido para criar um novo texto, mas com o objetivo de provocar humor, crítica ou ironia. A paródia modifica o texto original, subvertendo seu sentido ou adaptando-o a uma nova realidade.

Ex.: Uma música popular que é reescrita com uma nova letra para criticar um evento político recente é um caso de paródia.

▪ **Alusão:** A alusão é uma referência indireta a outro texto ou obra. Não é citada diretamente, mas há indícios claros que levam o leitor a perceber a relação com o texto original.

Ex.: Ao dizer que “este é o doce momento da maçã”, um texto faz alusão à narrativa bíblica de Adão e Eva, sem mencionar explicitamente a história.

▪ **Pastiche:** É um tipo de intertextualidade que imita o estilo ou a forma de outro autor ou obra, mas sem a intenção crítica ou irônica que caracteriza a paródia. Pode ser uma homenagem ou uma maneira de incorporar elementos de uma obra anterior em um novo contexto.

Ex.: Um romance que adota o estilo narrativo de um clássico literário como “Dom Quixote” ou “A Divina Comédia” para contar uma história contemporânea.

RACIOCÍNIO LÓGICO E MATEMÁTICO

RACIOCÍNIO LÓGICO: PROPOSIÇÕES LÓGICAS: COMPREENSÃO DE PROPOSIÇÕES SIMPLES E COMPOSTAS, IDENTIFICAÇÃO DE CONECTIVOS LÓGICOS (E, OU, NÃO), E ANÁLISE DE SUA VERACIDADE. TABELAS VERDADE: CONSTRUÇÃO DE TABELAS VERDADE PARA DETERMINAR A VERACIDADE DE PROPOSIÇÕES COMPOSTAS, UTILIZANDO OS DIFERENTES CONECTIVOS LÓGICOS

LÓGICA PROPOSICIONAL

Uma proposição é um conjunto de palavras ou símbolos que expressa um pensamento ou uma ideia completa, transmitindo um juízo sobre algo. Uma proposição afirma fatos ou ideias que podemos classificar como verdadeiros ou falsos. Esse é o ponto central do estudo lógico, onde analisamos e manipulamos proposições para extrair conclusões.

► Valores Lógicos

Os valores lógicos possíveis para uma proposição são:

- Verdadeiro (V), caso a proposição seja verdadeira.
- Falso (F), caso a proposição seja falsa.

Esse fato faz com que cada proposição seja considerada uma declaração monovalente, pois admite apenas um valor lógico: verdadeiro ou falso.

► Axiomas fundamentais

Os valores lógicos seguem três axiomas fundamentais:

▪ **Princípio da Identidade:** uma proposição é idêntica a si mesma. Em termos simples: $p \equiv p$.

Ex.: "Hoje é segunda-feira" é a mesma proposição em qualquer contexto lógico.

▪ **Princípio da Não Contradição:** uma proposição não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo.

Exemplo: "O céu é azul e não azul" é uma contradição.

▪ **Princípio do Terceiro Excluído:** toda proposição é ou verdadeira ou falsa, não existindo um terceiro caso possível. Ou seja: "Toda proposição tem um, e somente um, dos valores lógicos: V ou F."

Exemplo: "Está chovendo ou não está chovendo" é sempre verdadeiro, sem meio-termo.

► Classificação das Proposições

Para entender melhor as proposições, é útil classificá-las em dois tipos principais:

Sentenças Abertas

São sentenças para as quais não se pode atribuir um valor lógico verdadeiro ou falso, pois elas não exprimem um fato completo ou específico. São exemplos de sentenças abertas:

- Frases interrogativas: "Quando será a prova?"
- Frases exclamativas: "Que maravilhosos!"
- Frases imperativas: "Desligue a televisão."
- Frases sem sentido lógico: "Esta frase é falsa."

Sentenças Fechadas

Quando a proposição admite um único valor lógico, verdadeiro ou falso, ela é chamada de sentença fechada. Exemplos:

- Sentença fechada e verdadeira: " $2 + 2 = 4$ "
- Sentença fechada e falsa: "O Brasil é uma ilha"

► Proposições Simples e Compostas

As proposições podem ainda ser classificadas em simples e compostas, dependendo da estrutura e do número de ideias que expressam:

Proposições Simples (ou Atômicas)

São proposições que não contêm outras proposições como parte integrante de si mesmas. São representadas por letras minúsculas, como p, q, r, etc.

Exemplos:

- p: "João é engenheiro."
- q: "Maria é professora."

Proposições Compostas (ou Moleculares)

Formadas pela combinação de duas ou mais proposições simples. São representadas por letras maiúsculas, como P, Q, R, etc., e usam conectivos lógicos para relacionar as proposições simples.

Exemplo: P: "João é engenheiro e Maria é professora."

► Classificação de Frases

Ao classificarmos frases pela possibilidade de atribuir-lhes um valor lógico (verdadeiro ou falso), conseguimos distinguir entre aquelas que podem ser usadas em raciocínios lógicos e as que não podem. Vamos ver alguns exemplos e suas classificações.

- "O céu é azul." – Proposição lógica (podemos dizer se é verdadeiro ou falso).
- "Quantos anos você tem?" – Sentença aberta (é uma pergunta, sem valor lógico).

AMOSTRA

- **"João é alto."** – Proposição lógica (podemos afirmar ou negar).
- **"Seja bem-vindo!"** – Não é proposição lógica (é uma saudação, sem valor lógico).
- **"2 + 2 = 4."** – Sentença fechada (podemos atribuir valor lógico, é uma afirmação objetiva).
- **"Ele é muito bom."** – Sentença aberta (não se sabe quem é "ele" e o que significa "bom").
- **"Choveu ontem."** – Proposição lógica (podemos dizer se é verdadeiro ou falso).
- **"Esta frase é falsa."** – Não é proposição lógica (é um paradoxo, sem valor lógico).
- **"Abra a janela, por favor."** – Não é proposição lógica (é uma instrução, sem valor lógico).
- **"O número x é maior que 10."** – Sentença aberta (não se sabe o valor de x)

Exemplo: (CESPE)

Na lista de frases apresentadas a seguir:

- "A frase dentro destas aspas é uma mentira."
- A expressão $x + y$ é positiva.
- O valor de $\sqrt{4 + 3} = 7$.
- Pelé marcou dez gols para a seleção brasileira.
- O que é isto?

Há exatamente:

- (A) uma proposição;
- (B) duas proposições;
- (C) três proposições;
- (D) quatro proposições;
- (E) todas são proposições.

Resolução:

Analisemos cada alternativa:

- (A) A frase é um paradoxo, então não podemos dizer se é verdadeira ou falsa. Não é uma proposição lógica.
 - (B) Não sabemos os valores de x e y , então não podemos dizer se é verdadeira ou falsa. É uma sentença aberta e não é uma proposição lógica.
 - (C) Podemos verificar se é verdadeira ou falsa. É uma proposição lógica.
 - (D) Podemos verificar se é verdadeira ou falsa, independente do número exato. É uma proposição lógica.
 - (E) É uma pergunta, então não podemos dizer se é verdadeira ou falsa. Não é uma proposição lógica.
- Resposta: B.

► Conectivos Lógicos

Para formar proposições compostas a partir de proposições simples, utilizamos conectivos lógicos. Esses conectivos estabelecem relações entre as proposições, criando novas sentenças com significados mais complexos. São eles:

Operação	Conectivo	Estrutura Lógica	Exemplos		
			p	q	Resultado
Negação	\sim ou $-$	Não p	"Hoje é domingo"	-	$\sim p$: "Hoje não é domingo"
Conjunção	\wedge	p e q	"Estudei"	"Passei na prova"	$p \wedge q$: "Estudei e passei na prova"
Disjunção Inclusiva	\vee	p ou q	"Vou ao cinema"	"Vou ao teatro"	$p \vee q$: "Vou ao cinema ou vou ao teatro"
Disjunção Exclusiva	\oplus	Ou p ou q	"Ganhei na loteria"	"Recebi uma herança"	$p \oplus q$: "Ou ganhei na loteria ou recebi uma herança"
Condicional	\rightarrow	Se p então q	"Está chovendo"	"Levarei o guarda-chuva"	$p \rightarrow q$: "Se está chovendo, então levarei o guarda-chuva"
Bicondicional	\leftrightarrow	p se e somente se q	"O número é par"	"O número é divisível por 2"	$p \leftrightarrow q$: "O número é par se e somente se é divisível por 2"

GEOGRAFIA GERAL, BRASIL E DO ESPÍRITO SANTO

GERAL: A RELAÇÃO ENTRE MOVIMENTOS DA TERRA E A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Os movimentos da Terra desempenham um papel fundamental na organização do espaço geográfico, influenciando uma vasta gama de processos naturais que, por sua vez, afetam diretamente a vida humana e a disposição das atividades econômicas e sociais no planeta. A Terra realiza dois principais movimentos: a rotação e a translação. A rotação refere-se ao movimento da Terra em torno do seu próprio eixo, que dura aproximadamente 24 horas. Este movimento é responsável pela alternância entre dia e noite, o que afeta profundamente as atividades humanas. Por exemplo, o ciclo diário de luz e escuridão determina os horários de trabalho e descanso, influenciando a organização das cidades, a rotina das pessoas e até mesmo o funcionamento dos serviços públicos e privados. Além disso, a rotação da Terra também influencia os padrões climáticos e meteorológicos, contribuindo para a formação dos ventos e correntes oceânicas que afetam diretamente a agricultura, a pesca e outras atividades econômicas.

A translação, por sua vez, é o movimento da Terra ao redor do Sol, completando uma órbita em aproximadamente 365,25 dias. Este movimento é responsável pela sucessão das estações do ano: primavera, verão, outono e inverno. A inclinação do eixo da Terra em relação ao plano da sua órbita causa a variação na intensidade e na duração da luz solar recebida em diferentes partes do planeta ao longo do ano, gerando as estações. As estações influenciam a organização do espaço geográfico de diversas maneiras. Na agricultura, por exemplo, determinam os períodos de plantio e colheita, influenciando a produção e a disponibilidade de alimentos em diferentes regiões e épocas do ano. As estações também afetam o turismo, com certas áreas atraindo mais visitantes em determinadas épocas do ano devido ao clima favorável. Além disso, a variação sazonal impacta a biodiversidade, com muitas espécies animais e vegetais adaptando seus ciclos de vida às mudanças sazonais, o que, por sua vez, influencia a gestão de áreas de preservação ambiental e a exploração dos recursos naturais.

Além dos movimentos principais de rotação e translação, há também outros movimentos secundários da Terra, como a precessão e a nutação, que têm efeitos mais sutis, mas igualmente importantes, na organização do espaço geográfico a longo prazo. A precessão refere-se à lenta oscilação do eixo de rotação da Terra, completando um ciclo aproximadamente a cada 26.000 anos. Este movimento altera gradualmente a orientação dos polos terrestres em relação às estrelas e pode influenciar os padrões climáticos ao longo de milênios, afetando a distribuição de desertos, florestas e outras zonas climáticas. A nutação, por

sua vez, é uma pequena oscilação periódica do eixo de rotação da Terra, causada principalmente pela influência gravitacional da Lua e do Sol. Embora seus efeitos sejam menos perceptíveis no curto prazo, contribuem para a complexidade dos movimentos da Terra e, portanto, para a variabilidade dos fenômenos climáticos e geográficos.

Os movimentos da Terra são fundamentais para a organização do espaço geográfico, influenciando uma vasta gama de processos naturais que afetam diretamente a vida humana e a disposição das atividades econômicas e sociais no planeta. A compreensão desses movimentos e de seus impactos é essencial para a geografia, pois permite uma melhor gestão do território, ajudando na tomada de decisões sobre urbanização, agricultura, turismo, preservação ambiental e exploração de recursos naturais. Além disso, a análise dos movimentos da Terra e seus efeitos é crucial para a previsão e mitigação de desastres naturais, como secas, enchentes e tempestades, que podem ter consequências devastadoras para as populações humanas e o meio ambiente. Assim, o estudo dos movimentos da Terra e sua relação com a organização do espaço geográfico constitui uma área central da geografia, com importantes implicações práticas para a sociedade.

AS PAISAGENS MUNDIAIS

As paisagens mundiais são um reflexo da diversidade natural e cultural do planeta, representando uma complexa interação entre os elementos físicos e humanos que moldam o ambiente em que vivemos. A paisagem, em sua essência, é um conceito abrangente que engloba a aparência visual de um espaço, incluindo suas características naturais como montanhas, rios, florestas e desertos, bem como os elementos construídos pelo homem, como cidades, estradas, plantações e infraestruturas. A compreensão das paisagens mundiais é fundamental para a geografia, pois permite a análise das interações entre a natureza e a sociedade, revelando como os processos naturais e as atividades humanas se entrelaçam para formar os diversos cenários que compõem o nosso mundo.

As paisagens naturais são moldadas por processos geológicos, climáticos, hidrológicos e biológicos ao longo de milhões de anos. Por exemplo, as cordilheiras montanhosas, como os Andes e o Himalaia, resultam da movimentação das placas tectônicas, enquanto os vastos desertos, como o Saara e o Atacama, são formados por condições climáticas áridas que limitam a presença de água e vegetação. As florestas tropicais, como a Amazônia e a Bacia do Congo, são caracterizadas por um clima quente e úmido que favorece uma biodiversidade exuberante. Os rios e lagos, por sua vez, são esculpidos pela ação da água ao longo do tempo,

criando importantes ecossistemas e recursos hídricos essenciais para a vida humana e animal. Essas paisagens naturais não apenas fornecem os recursos necessários para a sobrevivência das populações humanas, mas também desempenham um papel crucial na regulação do clima global, na manutenção da biodiversidade e na provisão de serviços ecossistêmicos vitais.

As paisagens culturais, por outro lado, são o resultado da intervenção humana no ambiente natural, refletindo a história, a cultura, a economia e a tecnologia das sociedades ao longo do tempo. As cidades, por exemplo, são paisagens culturais complexas que concentram populações e atividades econômicas, caracterizadas por uma infraestrutura densa e diversificada que inclui edifícios, estradas, pontes, parques e espaços públicos. As áreas rurais, por sua vez, são marcadas por paisagens agrícolas onde a terra é cultivada para a produção de alimentos, fibras e outros recursos. Em muitas regiões, as paisagens rurais também preservam elementos tradicionais e culturais, como vilarejos históricos, terraços de cultivo e práticas agrícolas ancestrais. A interação entre as paisagens urbanas e rurais é dinâmica, com fluxos constantes de pessoas, bens e informações que conectam diferentes áreas e promovem o desenvolvimento econômico e social.

A diversidade das paisagens mundiais também está intimamente ligada às práticas e valores culturais das diferentes sociedades. Em algumas culturas, certas paisagens naturais são consideradas sagradas e recebem proteção especial, como as montanhas sagradas do Tibete ou os bosques sagrados na África Ocidental. Em outros contextos, as paisagens culturais, como os centros históricos das cidades europeias ou os templos antigos da Ásia, são valorizadas por seu patrimônio histórico e arquitetônico, atraindo turistas de todo o mundo e contribuindo para a economia local. A gestão e conservação das paisagens mundiais, portanto, requerem um entendimento profundo das interações entre os fatores naturais e culturais, bem como das necessidades e aspirações das comunidades que dependem dessas paisagens para sua sobrevivência e bem-estar.

As paisagens mundiais são um testemunho da complexidade e diversidade do nosso planeta, refletindo a interação contínua entre os processos naturais e as atividades humanas. A geografia, ao estudar essas paisagens, nos proporciona uma compreensão mais profunda do mundo em que vivemos, revelando as conexões entre o meio ambiente e a sociedade e informando as políticas e práticas de gestão territorial. A preservação e valorização das paisagens mundiais são essenciais não apenas para a conservação da biodiversidade e dos recursos naturais, mas também para a manutenção da herança cultural e a promoção de um desenvolvimento sustentável que beneficie todas as gerações presentes e futuras.

A DINÂMICA DA LITOSFERA

A litosfera é a camada rochosa (sólida) que compõe a superfície terrestre, e apresenta uma espessura que varia de aproximadamente 5km a 70km. Ela é composta por minerais: que associados formam as rochas, e a decomposição destas rochas pela ação conjunta da atmosfera e da hidrosfera (intemperismo e erosão) forma os solos, e configura mudanças na forma da

superfície terrestre. A litosfera é quimicamente composta predominantemente por silício, alumínio, ferro, cálcio, e magnésio e as rochas que compõem a litosfera são de três tipos: Ígneas, sedimentares e metamórficas. Apesar de ser sólida, a litosfera não é contínua nem estática. Ela é fragmentada em pedaços (placas tectônicas) que se movimentam de acordo com os fluxos do magma que compõe o manto terrestre (camada interna da terra composta por rocha pastosa, que fica abaixo da litosfera). Esta movimentação de placas (tectonismo) causa mudanças na forma da superfície terrestre, além de ser responsável pela atividade vulcânica (que forma novos corpos rochosos na superfície) e abalos sísmicos (terremotos).

ESTRUTURA E DINÂMICA DA LITOSFERA: PLACAS TECTÔNICAS E SEUS EFEITOS

As placas tectônicas são o modelo que explica a mobilidade da Litosfera e, com isso, a organização geral do planeta. As placas são imensas porções rígidas que se movem alguns centímetros por ano — uma velocidade comparável ao crescimento das unhas, mas suficiente para rearranjar continentes e oceanos ao longo de milhões de anos.

Placas tectônicas: definição, distribuição e noções de escala

As principais placas incluem a Pacífica, Norte-Americana, Sul-Americana, Africana, Eurasiática, Indo-Australiana e Antártica, além de outras menores. Em mapas, a distribuição de terremotos e vulcões desenha “linhas” que costumam coincidir com limites de placas, como o Círculo de Fogo do Pacífico. Em concursos, pode aparecer uma questão pedindo para relacionar um mapa de sismicidade à tectônica.

TIPOS DE LIMITES DE PLACAS

Os limites são classificados em divergentes, convergentes e transformantes. Cada um produz formas de relevo e riscos naturais característicos.

► Limites divergentes: dorsais oceânicas e expansão do assoalho

Em limites divergentes, as placas se afastam. No fundo do oceano, isso ocorre nas dorsais oceânicas, onde o magma ascende, resfria e forma nova crosta oceânica. Esse processo é chamado de expansão do assoalho oceânico. A dorsal Mesoatlântica é um exemplo clássico. Em prova, associe divergência a: criação de crosta, dorsais, vulcanismo submarino e terremotos geralmente rasos.

► Limites convergentes: subducção, colisão continental e orogênese

Em limites convergentes, as placas se aproximam. Se uma placa oceânica encontra uma continental, a oceânica tende a subduzir (mergulhar) por ser mais densa, formando fossas oceânicas, arcos vulcânicos e cadeias montanhosas. Os Andes resultam, em grande parte, da subducção da placa de Nazca sob a Sul-Americana. Se duas placas continentais colidem, a subducção é limitada (continental é menos densa e mais “flutuante”), e o resultado típico é a formação de grandes cadeias por dobramentos,

HISTÓRIA DO BRASIL E DO ESPÍRITO SANTO

BRASIL: HISTÓRIA DO BRASIL COLONIAL: CONHECIMENTO SOBRE O PERÍODO COLONIAL BRASILEIRO, DESDE A CHEGADA DOS PORTUGUESES EM 1500 ATÉ A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL EM 1822, ABORDANDO QUESTÕES COMO COLONIZAÇÃO, EXPLORAÇÃO ECONÔMICA, SOCIEDADE COLONIAL E RESISTÊNCIAS INDÍGENAS E ESCRAVAS

O período colonial é a primeira grande etapa da história do Brasil, e se estende de 1500, com a chegada dos portugueses ao território que viria a se chamar Brasil, até 1822, ano em que foi proclamada a Independência. Durante mais de três séculos, o Brasil esteve sob domínio de Portugal, funcionando como uma colônia cuja principal função era atender aos interesses econômicos da metrópole portuguesa. Nesse contexto, o território foi explorado principalmente por meio da extração de recursos naturais e da implantação de atividades agrícolas voltadas para exportação.

Logo nos primeiros anos, o pau-brasil foi o produto mais explorado, mas com o tempo, a cana-de-açúcar e, mais tarde, o ouro se tornaram os principais motores da economia colonial. A estrutura econômica da colônia foi baseada no chamado sistema colonial, caracterizado por uma forte dependência da metrópole, monopólio comercial e exploração da mão de obra. Para manter esse sistema, Portugal impôs diversas medidas que impediam o desenvolvimento de uma economia independente no Brasil, como a proibição de manufaturas e a exigência de que o comércio fosse feito exclusivamente com a metrópole. Esse modelo ficou conhecido como Pacto Colonial.

A organização social no período colonial era marcada por uma forte desigualdade. No topo estavam os grandes proprietários de terra e os altos funcionários da administração portuguesa. Na base, estavam os trabalhadores escravizados indígenas, inicialmente, e depois, em sua maioria, africanos que foram trazidos à força para trabalhar nas plantações e na mineração. A escravidão foi um dos pilares da economia colonial e teve efeitos profundos na formação da sociedade brasileira, deixando marcas sociais e culturais que perduram até hoje. Politicamente, a colônia era administrada por representantes da Coroa portuguesa, como governadores-gerais, câmaras municipais e, mais tarde, vice-reis.

As decisões importantes vinham de Lisboa, e a população local tinha pouca ou nenhuma participação no processo político. Ainda assim, ao longo dos séculos, começaram a surgir manifestações de descontentamento com esse modelo de dominação. Rebeliões e movimentos como a Inconfidência Mineira (1789) e a Conjuração Baiana (1798) expressaram o desejo de maior

autonomia e liberdade, ainda que tenham sido reprimidos. Além disso, o contato entre europeus, indígenas e africanos resultou em uma grande diversidade cultural, linguística e religiosa.

Essa mistura de povos e tradições formou as bases da cultura brasileira, embora marcada por profundas desigualdades e processos de exclusão. Em resumo, o período colonial foi uma fase de formação do Brasil enquanto território, sociedade e cultura, mas também um tempo de exploração, autoritarismo e desigualdade. Entender esse período é essencial para compreender muitos aspectos da realidade brasileira atual, como a concentração de terras, a herança escravocrata, o autoritarismo político e os desafios sociais que ainda enfrentamos.

► Expansão marítima europeia e ocupação do território americano

A expansão marítima europeia ocorreu entre os séculos XV e XVII, período em que algumas nações partiram para explorar os oceanos. Essas viagens marcaram o início da chamada Revolução das Navegações, a exploração do que se convencionou chamar de “Novo Mundo” e a interligação dos continentes.

As primeiras grandes navegações permitiram a superação das barreiras comerciais da Idade Média, o desenvolvimento da economia mercantil e o fortalecimento da burguesia. Esse período foi marcado pela consolidação do mercantilismo, sistema econômico que valorizava o acúmulo de metais preciosos e o controle rigoroso do comércio pelas metrópoles. As colônias seriam utilizadas para garantir o fornecimento de matérias-primas e o escoamento dos produtos manufaturados, configurando um ciclo fechado de dependência econômica.

A Europa atravessava um momento de crise no século XIV, pois importava mais do que exportava. Os países do Oriente forneciam produtos valiosos para os europeus, como ouro, especiarias e drogas medicinais. Esses produtos eram transportados até a Europa por rotas terrestres dominadas pelos árabes, tendo como destino principal as cidades italianas de Gênova e Veneza, que atuavam como intermediárias comerciais. Outra rota passava pelo mar Mediterrâneo, monopolizada por Veneza. Esse cenário tornava urgente a busca por um caminho alternativo que fosse mais rápido, seguro e, principalmente, econômico.

Paralelamente, era necessário resolver a chamada “crise dos metais” na Europa, já que as minas locais davam sinais de esgotamento. Além disso, uma reorganização social e política também impulsionava a busca por novas rotas comerciais: tratava-se da formação das monarquias nacionais, por meio da aliança entre reis e burguesia. O capital burguês financiava a cara e complexa infraestrutura exigida pelas viagens marítimas: navios, armas, tripulação, mantimentos e instrumentos de navegação em troca de participação nos lucros. Esse processo fortaleceu os Estados nacionais e submeteu a sociedade a um poder centralizado.

No campo tecnológico, foi necessário o aperfeiçoamento da cartografia, da astronomia e da engenharia náutica, o que possibilitou longas viagens com maior precisão e segurança. Portugal foi o pioneiro na corrida marítima, chegando inicialmente ao norte da África e, em seguida, a outras partes do continente africano. Em 1498, Vasco da Gama alcançou as Índias, e por volta de 1500, os portugueses chegaram ao Brasil. Paralelamente, a Espanha também se destacou nas grandes navegações, com a expedição liderada por Cristóvão Colombo, que chegou ao continente americano entre 1492 e 1504. Diante das disputas entre as duas nações, o Papa Alexandre VI aprovou o Tratado de Tordesilhas, em 1494, que dividia as terras descobertas entre portugueses e espanhóis.

Além de Portugal e Espanha, outros países europeus também participaram do processo de expansão e exploração. A França iniciou suas expedições mais tardiamente, devido à Guerra dos Cem Anos. Chegou ao Brasil por volta de 1510, mas foi expulsa. Posteriormente, estabeleceu-se no Canadá e teve presença significativa no Caribe e na América do Sul. A Inglaterra, também envolvida em guerras internas, iniciou sua expansão posteriormente, ocupando territórios na América do Norte (atuais Estados Unidos e Canadá), além de ilhas caribenhas e a Guiana, na América do Sul. A Holanda, por sua vez, estabeleceu-se na América do Norte de onde foi expulsa pelos ingleses e também ocupou temporariamente o Nordeste brasileiro, sendo posteriormente expulsa por forças luso-espanholas.

Com a chegada dos europeus às Américas, iniciou-se um amplo processo de ocupação territorial que resultaria na transformação profunda dos espaços e das sociedades originárias. Espanhóis e portugueses lideraram esse processo no início, impondo modelos de colonização baseados na extração de recursos naturais, na implantação de grandes propriedades e na exploração do trabalho compulsório de indígenas e africanos escravizados.

Na América Espanhola, a ocupação foi marcada pela conquista de grandes civilizações indígenas, como os astecas e os incas. A organização do território foi baseada no sistema de vice-reinados e capitânias gerais, e a economia girava em torno da mineração e da agricultura de plantation. A imposição da cultura europeia, a catequização forçada e o trabalho forçado contribuíram para a desestruturação das sociedades originárias.

Já no Brasil, sob domínio português, a ocupação efetiva começou com a implementação do sistema de capitânias hereditárias e, mais tarde, com o fortalecimento da economia açucareira no Nordeste. O território foi sendo explorado e povoado ao longo dos séculos por meio de diferentes ciclos econômicos como o do açúcar, do ouro e do café sempre com forte dependência do trabalho escravo e da subordinação dos povos indígenas.

Na América do Norte, a ocupação inglesa seguiu outra lógica. A colonização foi protagonizada por grupos religiosos dissidentes e comerciantes, que buscavam liberdade e oportunidades. Estabeleceram colônias com maior autonomia administrativa e economia baseada no trabalho familiar e, posteriormente, na escravidão. A França ocupou territórios no Canadá e no vale do rio Mississippi, focando na exploração de peles e no comércio com povos indígenas. A Holanda teve presença breve, com destaque para a fundação de Nova Amsterdã (atual Nova York).

A ocupação europeia transformou radicalmente a geografia, a economia e a cultura do continente americano. Novas cidades foram fundadas, redes comerciais foram estabelecidas e milhões

de indígenas e africanos foram submetidos à escravidão. As línguas, religiões e instituições europeias moldaram as novas sociedades coloniais, enquanto a resistência dos povos nativos e dos escravizados também deixou marcas profundas na história do continente. Essa resistência manifestou-se de diversas formas, desde revoltas armadas, fugas e a formação de quilombos por parte dos africanos escravizados, até alianças indígenas com grupos colonizadores rivais e a preservação de tradições culturais mesmo sob opressão. Esses movimentos desafiaram o controle europeu e influenciaram a configuração social e política das colônias.

Essas viagens, com fins de expansão, exploração e conquista, deixaram marcas profundas em todos os continentes. A Europa passou a conhecer povos, línguas e costumes até então desconhecidos. Contudo, o encontro entre culturas foi, na maioria das vezes, violento e desigual. Nas Américas, a vida dos povos indígenas foi profundamente transformada, já que os colonizadores impuseram novos modelos econômicos, políticos e sociais, explorando recursos naturais e submetendo os povos locais à escravidão. Dessa relação desigual, surgiram as chamadas sociedades híbridas da América Latina. A África, por sua vez, foi palco do sequestro de milhões de pessoas, vendidas como escravas e enviadas para diferentes partes do mundo, principalmente para as Américas. Os africanos escravizados tiveram seus costumes culturais mesclados aos das populações locais e aos dos colonizadores. Já os reinos asiáticos, embora tenham permitido a entrada europeia de forma controlada e restrita aos portos, também foram influenciados: seus produtos e costumes chegaram à Europa, modificando o comportamento, a moda e a arte do período.

Dessa forma, as consequências das grandes navegações são sentidas até os dias atuais. Esse movimento permitiu a difusão da cultura europeia para os quatro continentes e transformou profundamente a estrutura social dos territórios explorados, os quais passaram a se desenvolver sob as condições impostas pelos países colonizadores.

► Sistema colonial português e pacto colonial

A constituição do sistema colonial português insere-se no contexto mais amplo da expansão marítima e comercial europeia, processo que teve início no final do século XV e marcou o surgimento das primeiras estruturas imperiais modernas. Esse período refere-se a época de 1530 a 1815, quando o território brasileiro esteve sob domínio direto da Coroa Portuguesa, funcionando como uma colônia de exploração. Esse sistema visava atender exclusivamente aos interesses econômicos e políticos da metrópole, por meio do controle sobre a produção, o comércio e a administração da colônia. Embora os portugueses tenham chegado ao Brasil em 1500, a colonização efetiva só teve início a partir de 1530, com a expedição de Martim Afonso de Sousa, que fundou a Vila de São Vicente em 1532, no litoral do atual estado de São Paulo considerada a primeira povoação permanente da América Portuguesa.

Período Pré-colonial (1500-1530):

- O período entre 1500 e 1530 é conhecido como pré-colonial.
- A principal atividade econômica era a extração do pau-brasil, feita de maneira predatória e sem ocupação fixa do território.



GOSTOU DESSE MATERIAL?

Então não pare por aqui: a versão **COMPLETA** vai te deixar ainda mais perto da sua aprovação e da tão sonhada estabilidade. Aproveite o **DESCONTO EXCLUSIVO** que liberamos para Você!

EU QUERO DESCONTO!